

sopro

Tatiana Grinberg^I



*it is white. one is large, one is small. it is spiraled, marvelous. it is that
which can be blown, which resounds. i blow the seashell.
i improve, i polish the seashell.**

conheci o guy em 1991, através do tunga, na casa da shelagh wakely em londres, durante a residência dela na english school em roma. tunga tinha exposição marcada, preparava desenhos e pequenas peças relacionadas ao projeto.



a casa 23 – chamávamos malvinas – na falklands road, com um jardim na frente, o térreo sempre ocupado por estudantes da aa, mais dois andares, casa e estúdio, além do mezanino, shelagh wakely deixou-a para o triangle arts trust. lembro de antoni malinowski convocar o guy para contar sobre ela para os diretores da instituição que administra seu legado. a casa foi vendida, mas manteve-se a bolsa na gasworks para artistas baseados na américa latina.



na temporada em londres, entrecortada pela ida ao báltico, além dos projetos de cada um e da vida cultural, tinha a social, recebíamos para jantar e visitávamos amigos, entre os quais guy e alejandra – em sua casa fiquei sem chão ao ver o takis atravessando a sala de um lado ao outro – solto//atraído – em tensão cortando o espaço, transversalidade, matéria-energia, corporiedade balanceada.



quando guy nos visitou, depois ver a série do tunga no estúdio, subiu ao mezanino, lembro da pergunta sobre como eu pretendia mostrar os meus desenhos, pousados no chão onde eram feitos, talvez ali eu não me desse conta da liberdade – como eu entrava no papel, desatrelada da verticalidade – possivelmente por ser algo cultural totalmente introjetado, ou apenas a postura de quem sempre pensou espaços.



revi o guy no rio, na sorimã, onde aconteceram encontros entre curadores da retrospectiva de ho na europa. durante a visita ele reparou nas maquetes das montanhas do rio de janeiro em massa de modelar, base do meu projeto de graduação, envolvendo dobraduras e paisagem. foram meses subindo e descendo morros, correndo asfalto, avistando o horizonte, me afastando e olhando do mar, conectando escalas, observando, incorporando e dando ver a cidade.



dois anos depois, em londres, no programa de pós-graduação em artes visuais do goldsmith's college, numa das primeiras tutorias [convidávamos pensadores ou artistas para conversas 1:1 que contribuíssem para nosso projeto] recebi comentários que davam como certa a influência minimalista, as matérias, distâncias, diferentes níveis e tipos de percepção negociadas entre o visitante e a obra estavam lá, mas não havia referência à produção contemporânea brasileira – me senti



pressionada como que empurrada contra uma grade/formatação. faltava a intimidade com a autorização de contato do participante com a obra – foi quando me ocorreu convidar o guy para uma visita formal ao estúdio. me lembrava dele como alguém aberto, num diálogo interessado, seria um outro olhar, de fora, mas que tinha, mesmo, a vivência de algumas das minhas referências.

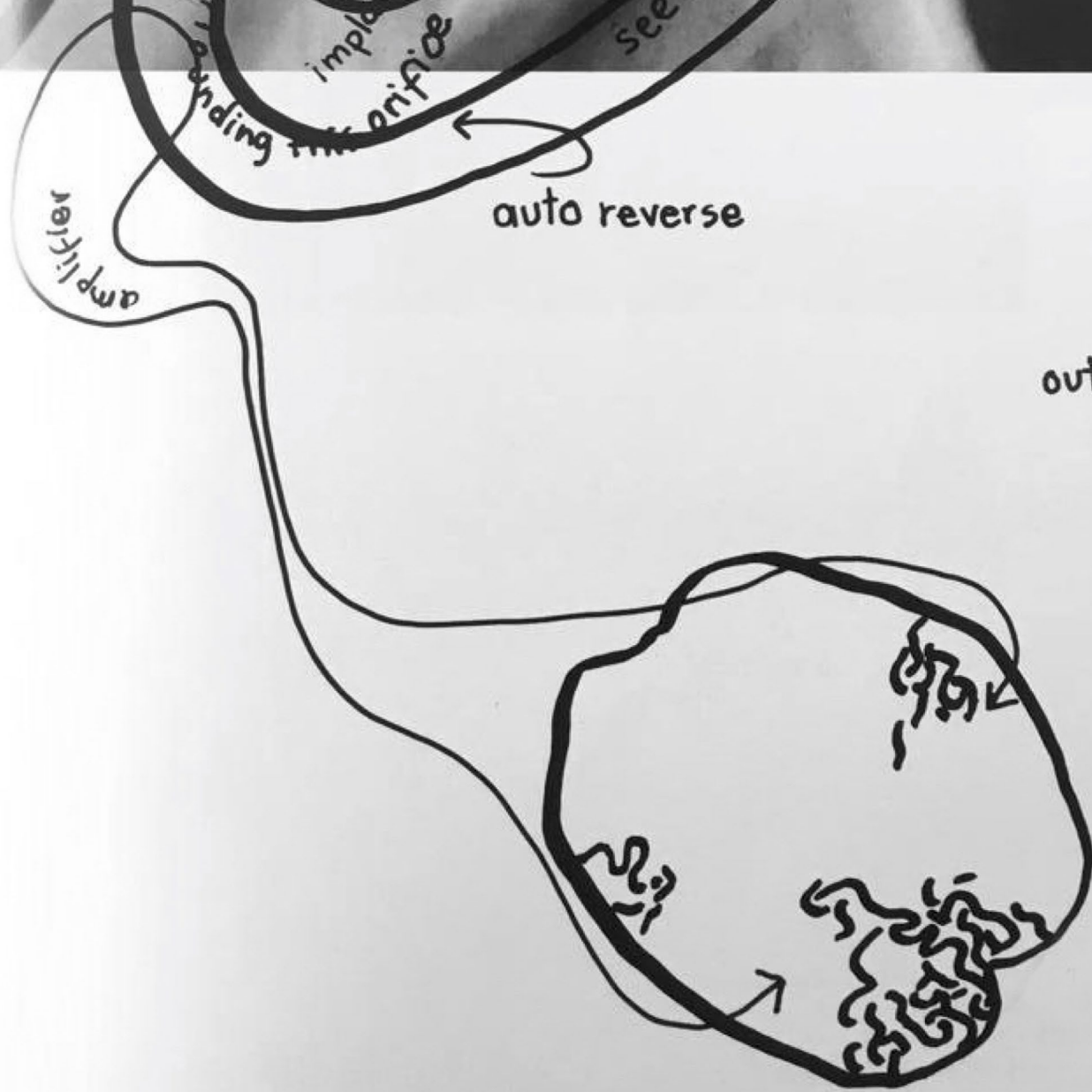


o *set cenestesia cirúrgica* transitava entre um espaço descrito por uma voz abrigada numa materialidade estranha//assimilável, externa// enxertável, translúcida mas não transparente, num atravessamento linguagem//corpo, num roçar fisiológico//mental – com interesse na atenção, na relação, mais do que no reconhecimento ou representação – envolvia objetos, corpos e espaço em relações 1:1 no tempo.

na visita ao estúdio guy observou o molde do espaço entre ouvido e mão, e quando contei sobre a audio colagem que juntava a descrição de uma concha, mais o aparelho auditivo humano com uma escada em espiral, ele se lembrara de uma descrição azteca de concha que relatava, além do objeto em si, sensações e outras informações misturadas. também me indagara sobre a voz que seria usada, e me levava pensar sobre línguas, entrecruzamento de conhecimentos, sotaques, diferenças culturais; sobre o posicionamento e apresentação da peça, a preocupação em deixá-la solta e a abertura para aproximação.

naquele momento estava fixada naquelas descrições espaciais, nos livros de onde elas vinham. há uns meses encontrei uma anotação nos escritos do ho citando o rothenberg e o guy, e hoje me pergunto sobre a relação da descrição azteca* com um possível relato da experiência daquele objeto, ao vivo, do encontro com algo desconhecido, incluindo um participante, 1:1, suas múltiplas camadas, possibilidades de experiências sobre mundo e a cada vez.

além de comentar sobre a qualidade da impressão do molde, guy se lembrava daqueles sobre as maquetes das montanhas do rio; e falava sobre a importância de se movimentar na cidade, do esforço constante, necessário para que as coisas acontecessem em londres e você não caísse em isolamento ou esquecimento. como num movimento sobre o tabuleiro, em um ano rodei muito a cidade, além dos museus, instituições culturais e galerias, borboleteava pelas *private views* franqueadas pela associação ao ica, convites que recebia da white cube e de amigos, assistia às palestras obrigatórias e também às outras que me interessavam – além de seguir o conselho do tutor de não deixar de ir ao *pub* ao lado depois, pois era onde as conversas se aprofundavam e as discussões realmente aconteciam. lia muito, explorava as bibliotecas, não tinha computador pessoal e me desdobrava para dar conta durante a hora marcada. ia do departamento de próteses no alto da torre de um hospital até às lojas de aparelhos eletrônicos em tottenham court road, escrevia para a fábrica de vidros e a firma de aparelhos auditivos, fazia compras na loja de materiais para escultura e na *diy* local, frequentava fundição e a serralheria dali de perto, o laboratório de fotografia da universidade e o do centro, mais o departamento de vidro do royal college. encontrava tempo para o cinema, dançar, buscar ingredientes dos quatro cantos do mundo em diferentes bairros e cozinhar para amigos, ser surpreendida pela visita das raposas, observar o luto dos esquilos, caminhar pelos jardins – além das obras e suas operações, sempre me atraíram os movimentos concretos e imaginários necessários para colocá-las no mundo.



através do guy conheci david medalla. lembro muito da bronca que david me deu quando contei voltar da noite pelo parque, e também do ano novo, passagem 1994-1995, com eles e amigos no *mondrian fan club*, no galpão da gee street, onde estavam montados os *cloud canyons*.

ele também foi conversar comigo no estúdio, suas descrições de performances e seu retorno da minha escuta me fizeram perceber alguns pontos que eu não gostaria de seguir e buscar um equilíbrio entre tocar num estranhamento corporal sem reproduzir um trauma no próprio corpo, deixando espaço para um atravessamento ida e volta. pensar no david também me remete à nuvem de pessoas, objetos, fatos e eventos que envolvia qualquer fala dele, indo do passado, pelo momento presente, ao plano futuro, numa garoa de *name dropping* que incluía cada um ao alcance da vista mais todos que cabiam na memória imensa.

quando sugeri aos editores da *concinnitas* um *dossier* sobre o guy a ideia era dividir com os leitores um pouco do que viria dessa pontinha da rede [cada texto nele incluiu mais alguém ainda a ser ouvido – e trouxe a pergunta – quais seriam as ferramentas nesse tempo online?], gostaria de compartilhar, além de histórias pessoais, referências de outros modos de conversa, transmissão de conhecimento, abordagem de obras e escrita, para pensar para frente.

relendo um dos seus textos, que não nomeio aqui [talvez para colocar quem me lê em movimento mesmo, assim como ele se descreve no texto que li], me dei conta do prazer envolvido nessas passagens do entendimento pelo corpo, seja entre escalas, macro//micro, rua//cosmos, palavras//imagens, ou entre os diferentes sentidos. guy, assim como muitos dos seus amigos artistas, gostava de saborear esses encontros com o mundo, sensual e intelectualmente.

Artigo recebido em 15 de novembro de 2021 e aceito em 27 de novembro de 2021.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

